



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CRISTINA VIEIRA DE SOUZA

**COMPREENDENDO A ATUAÇÃO DO ANALISTA DO COMPORTAMENTO
FRENTE A EXPERIÊNCIA DE ENLUTAMENTO**

JUAZEIRO DO NORTE
2021

CRISTINA VIEIRA DE SOUZA

**COMPREENDENDO A ATUAÇÃO DO ANALISTA DO COMPORTAMENTO
FRENTE A EXPERIÊNCIA DE ENLUTAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Esp. Marcos Teles do Nascimento

CRISTINA VIEIRA DE SOUZA

**COMPREENDENDO A ATUAÇÃO DO ANALISTA DO COMPORTAMENTO
FRENTE A EXPERIÊNCIA DE ENLUTAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Esp. Marcos Teles do Nascimento

Aprovado em: 02/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Marcos Teles do Nascimento
Orientador

Prof. Me. Cícero Reginaldo Nascimento Santos
Avaliador

Esp. Maria Iracema Mariano de Amorim
Avaliadora

COMPREEDENDO A ATUAÇÃO DO ANALISTA DO COMPORTAMENTO FRENTE A EXPERIÊNCIA DE ENLUTAMENTO

Cristina Vieira de Souza¹

Marcos Teles do Nascimento²

RESUMO

O presente estudo tem como finalidade principal entender como se dar o papel do analista do comportamento frente a experiência de luto vivenciado pelos sujeitos. Por conseguinte, os objetivos específicos são: conceituar os pressupostos teórico-metodológicos utilizados pela Análise do Comportamento; definir o processo de luto a partir da perspectiva analítica comportamental e elucidar como o analista do comportamento atua no que diz respeito ao processo de luto. Quanto ao método, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativo, cuja natureza é basilar, no qual utiliza os recursos e procedimentos de obtenção de dados dos pressupostos metodológicos da pesquisa bibliográfica. Em relação as discussões, ver-se que o luto representa um processo natural que ocorre posterior a uma perda expressiva ao ser humano. Assim, o enlutamento é entendido como um aspecto subjetivo a cada sujeito, pois cada pessoa lida com o luto a partir do que é vivenciado e o significado que cada pessoa produz é particular. Frente a essa experiência de luto, se observa que muitas das pessoas podem agir a partir de estímulos discriminativos, estímulos de caráter reforçador e operações estabelecedoras, no tocante a reforçadores sociais ou outros tipos de contextos reforçadores, sendo determinadas essa vivência singular em decorrência do repertório comportamental, visto que é alicerçado nos níveis de seleção, a saber, ontogenético, cultural e filogenético. Para a investigação dos aspectos que perpassam o luto, é imprescindível o uso da análise funcional do comportamento, que consiste numa técnica terapêutica que permite investigação minuciosa, daquilo que constrói a relação entre os estímulos e o comportamento e quais as consequências do comportamento para o ambiente. Logo, pode-se apreender que a análise do comportamento dar primazia ao bem-estar do sujeito, buscando modos para ampliar seu repertório comportamental, permitindo a pessoa adaptar-se ao ambiente, além de promover sua variação de comportamento, procurando o conhecimento das variáveis que o modificam.

Palavras-chave: Luto. Análise do Comportamento. Análise Funcional.

ABSTRACT

The main purpose of this study is to understand how to give the role of the behavior analyst in the face of the mourning experience experienced by the subjects. Therefore, the specific objectives are: to conceptualize the theoretical-methodological assumptions used by Behavior Analysis; define the grieving process from the behavioral analytic perspective and elucidate how the behavior analyst acts with regard to the grieving process. As for the method, this research is characterized as qualitative, whose nature is basic, in which it uses the resources and procedures for obtaining data from the methodological assumptions of the bibliographic research. Regarding the discussions, it can be seen that mourning represents a natural process that occurs after a significant loss to the human being. Thus, mourning is understood as subjective to each subject, as each person deals with grief based on what is experienced and the

¹ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Email: cris95_psi@hotmail.com

² Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Email: marcosteles@leaosampaio.edu.br

meaning that each person produces is particular. Faced with this experience of grief, it is observed that many people can act from discriminative stimuli, stimuli of a reinforcing character and establishing operations, with regard to social reinforcers or other types of reinforcing contexts, this unique experience being determined as a result of the repertoire behavioral, as it is based on the levels of selection, namely, ontogenetic, cultural and phylogenetic. For the investigation of aspects that permeate grief, it is essential to use the functional analysis of behavior, which is a therapeutic technique that allows thorough investigation of what builds the relationship between stimuli and behavior and what the consequences of behavior for the environment are. Therefore, it can be understood that behavior analysis gives primacy to the subject's well-being, seeking ways to expand their behavioral repertoire, allowing the person to adapt to the environment, in addition to promoting their behavior variation, seeking knowledge of the variables that modify it

Keywords: Grief. Behavior Analysis. Functional analysis.

1 INTRODUÇÃO

Em primeiro momento, como se sabe, a experiência de luto é um período marcante para os sujeitos que são acometidos por ele, visto que, o processo de enlutamento mobiliza diversos pensamentos e sentimentos, ocasionados por muitos aspectos relacionados a perda de algum parente querido ou objetos, a demissões no ambiente laboral, rompimento de vínculos de amizade, quadros de enfermidade crônica, contextos em que existe divórcio, dentre outros.

Tal experiência de luto vivido tanto pelas pessoas como pelos familiares é demarcada por fatores alicerçados para com a finitude, já que esta faz com que os sujeitos tenham um contato mais íntimo com a mortalidade. De acordo com Silva (2014), para o entendimento do luto é imprescindível apreender duas dimensões centrais, a saber, a noção de morte e a própria percepção do sujeito frente ao processo de morrer. Todavia, se ressalta que o pressuposto de luto e forma de lidar com o mesmo, tem suas variadas facetas e conceituações, pois depende igualmente de como cada cultura percebe, apesar da experiência no que refere a morte ser de caráter universal.

Partindo das elucidações acima a respeito do luto, elenca-se a abordagem psicológica da Análise do Comportamento. Esta perspectiva teórica é relevante para nos ajudar a pensar o processo de enlutamento, pois, o objetivo da análise do comportamento dentro da clínica é facilitar que o sujeito possa alcançar a liberdade. Liberdade é a emissão de comportamentos através da ciência dos fatores e variáveis que o altera, dessa forma, liberdade e autoconhecimento são sinônimos (SKINNER, 2003).

A base de uma intervenção clínica para a análise do comportamento é uma boa análise funcional. A análise funcional consiste na identificação da função do comportamento que seria as relações entre os eventos ambientais e as ações do organismo. Como pontua Meyer (2003),

o primeiro passo para a análise funcional é identificação do comportamento de interesse, descrevendo os eventos antecedentes e subsequentes para observar de fato qual dos eventos exercem maior controle sobre a resposta analisada. Considerando isso, delinea-se a seguinte pergunta-problema: como decorre a atuação do analista comportamental diante do processo de luto?

Nesta perspectiva, a presente pesquisa tem como objetivo principal entender como se dar o papel do analista do comportamento frente a experiência de luto vivenciado pelos sujeitos. Por conseguinte, os objetivos específicos são: conceituar os pressupostos teórico-metodológicos utilizados pela Análise do Comportamento; definir o processo de luto a partir da perspectiva analítica comportamental e elucidar como o analista do comportamento atua no que diz respeito ao processo de luto.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa é representada como sendo um estudo de caráter qualitativo, cuja natureza é basilar, no qual utiliza os recursos e procedimentos de obtenção de dados dos pressupostos metodológicos da pesquisa bibliográfica.

Para fins de elucidação, os autores Marconi e Lakatos (2011), entendem a pesquisa qualitativa como um estudo que tem como finalidade primordial o aprofundamento no que diz respeito ao assunto de interesse do pesquisador. No que tange a pesquisa bibliográfica, a delinea como um recurso metodológico que permite através do uso de base de dados (livros, produções de caráter científico, documentos, revistas digitais ou não, etc), realizar levantamentos dessas produções para possibilitar ao pesquisador investigar e embasar seus estudos que pretende desenvolver

Em relação aos critérios de inclusão que foram usados estão: (1) as plataformas SCIELO, BVSPSI, PEPSIC e REDALYC; (2) produções de cunho científico publicados nos últimos 5 anos, todavia, os materiais que ultrapassaram a linha temporal determinada foram usados, devido a sua relevância no processo de investigação e desenvolvimento do estudo; (3) idioma português e; (4) as palavras-chave: luto; processo de luto e análise do comportamento; análise do comportamento; análise funcional e luto.

Para os critérios de exclusão foi usado apenas o aspecto de literaturas científicas que não condiziam com as elucidações da presente pesquisa.

Por conseguinte, para a análise das produções encontradas, foi utilizado o método de revisão sistemática, no intento de engendrar, bem como apreender novas explicações a respeito do tema discutido (SAMPAIO; MANCINI, 2007). Para tanto, a partir da aplicação dos critérios,

além da leitura dos resumos e verificação da relação com o tema luto, das 84 literaturas encontradas, foram selecionadas 17 produções científicas para fundamentar o presente estudo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O BEHAVIORISMO RADICAL DE B. F. SKINNER

Durante muito tempo perguntava-se se seria possível uma ciência do comportamento, principalmente no início do século XX. Uma das motivações que levaram os cientistas a investigarem esses fatores foi a forte oposição ao mentalismo. Esse seria, portanto, a atribuição das causas do comportamento à fatores desconhecidos, imensuráveis e transcendentais, o que levou a um profundo questionamento em volta das verdadeiras causas do comportamento. Outro fator motivacional foi as severas críticas dirigidas aos experimentos e ideologias de Watson sobre os seres humanos. O mesmo acreditava que nossos comportamentos eram mantidos e eliciados por estímulos específicos, tornando-nos passivos diante do ambiente que nos rodeia. Outra crítica a seu respeito foi a arbitrariedade de limitação do objeto de estudo que se encaixava em seu paradigma S-R (estímulo-resposta), daí o nome Behaviorismo Metodológico, pois priorizava o método utilizado em seus experimentos (BAUM, 2006).

A princípio para entendermos como ocorre o desenvolvimento conceitual da Análise do Comportamento precisaremos nos deleitar na história de forma bem breve. Em contraposição aos psicólogos funcionalistas e estruturalistas que estudavam a mente humana através da introspecção, surge B. F. Watson. Este explicitava como princípio basilar, o pressuposto dos comportamentos publicamente observáveis, rejeitando os processos mentais, pois, o mesmo não poderia ser submetido a testes rigorosamente científicos. O behaviorismo clássico de Watson baseado no paradigma pavloviano S-R considerava-o como reflexo devido acreditar que todas as respostas eram eliciadas por estímulos. Paralelamente tomando uma posição radical, o Skinner considerava o homem como um ser monista, isto é, abandona a concepção de Watson e de Tollman de homem dualista dizendo que o organismo é único e interage em sua totalidade com o ambiente (MATOS, 1997).

A partir disso, emerge as ideias do precursor do Behaviorismo Radical, Burrhus Frederic Skinner (1904-1990). O mesmo afirma que as causas mentais obstruem a investigação das variáveis que afetam o comportamento, contudo discorda das ideias do Behaviorismo Metodológico de Watson afirmando que os comportamentos dos animais são complexos, ultrapassando a espera de S-R, desmecanizando o homem. Porém, deve-se ressaltar que Skinner

não nega o S-R como parte dos comportamentos respondentes, igualmente delineados como reflexos, mas tão somente acrescenta uma outra variável em seu paradigma (BAUM, 2006).

Neste intuito, Skinner (2003), explicita que a análise do comportamento é um dos campos de estudos que mais nos impulsiona a buscar conhecimentos acerca de como o organismo humano reage e se transforma a partir de determinadas situações. Visto que nem tudo o que sabemos é inato, é importante termos o conhecimento de como certos fenômenos ocorrem e o porquê. E a análise do comportamento busca apreender o sujeito por meio da interação que o mesmo tem com o ambiente. Resumidamente, ela busca saber por que as pessoas possuem um certo tipo de comportamento diante de alguma situação. Algo que também pode ser observado é que estes comportamentos na maioria das vezes determinarão se o mesmo acontecerá novamente ou não.

Para embasar sua perspectiva teórica, Skinner partiu dos constructos de Darwin com a teoria da seleção natural para explicar sua hipótese inicial de que os comportamentos são selecionados de acordo com suas consequências. Em seus experimentos com animais, Skinner pode comprovar que os comportamentos eram mantidos por suas consequências, a qual ele chamou de estímulos consequente, atribuindo na contingência a ocasião, também chamado de estímulo antecedente (Oc), a resposta (R), e a consequência (C). Dessa forma ele categorizou o comportamento animal em duas categorias, aos comportamentos inatos deu o nome de comportamentos reflexos ou respondentes, e aos comportamentos aprendidos ele deu o nome de comportamentos operantes (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

O autor diz ainda que o comportamento do ser humano está configurado em três níveis de seleção. O primeiro nível, chamado filogenético, diz respeito aos comportamentos respondentes ou inatos da espécie, são os comportamentos mais primitivos associados à sobrevivência. O segundo nível, chamado ontogenético, diz respeito aos comportamentos aprendidos por experiência própria, a partir deste, chamamos comportamentos operantes. O terceiro nível, chamado cultural, remete-se aos comportamentos aprendidos por experiências alheias, é então o nível mais complexo (ANDERY, 1993).

Nesta perspectiva, Skinner procurou mostrar como essa interação se dá por meio de diversos métodos, entre eles: o condicionamento operante, Pavloviano, modelagem, discriminação, esquemas de reforçamentos, e tantos outros, na tentativa de identificar em que circunstâncias determinadas ações ocorrem e com o intuito também de controlar essas ações. Uma das ideias centrais é a de que a partir de consequências advindas de experiências anteriores, o sujeito selecionará se determinado evento continuará ocorrendo, e que se

mudarmos a consequência desse mesmo comportamento hoje, é provável que o mesmo seja alterado, através do controle do comportamento (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

A tríplice contingência vem sendo um dos mais importantes elementos do analista do comportamento para a análise das comunicações entre repertórios e as relações que se constituem entre sujeito e ambiente, isto é, para a efetuação de análises funcionais. A tríplice contingência deve descrever três termos: (a) a ocasião na qual ocorreu a resposta, caracterizado por sinalizar se determinada resposta será reforçada ou não; (b) a própria resposta, na qual diz respeito a forma da resposta em si, sua topografia; e (c) as consequências reforçadoras que se apresentam como reforçadora, punitiva ou somente não tendo consequência alguma, sendo assim classificado como extinção. De acordo com a tríplice contingência os comportamentos operantes sejam os mais simples ou mais complicados, serão analisados a partir da relação/interação da ocasião, resposta e consequência. Nesta medida, é primordial analisar em que circunstância o comportamento acontece e quais suas decorrências mantenedoras (SKINNER, 2003).

Para que se compreenda de forma efetiva como ocorrem os esquemas de reforçamentos, é imprescindível em primeira instância, apreender de modo mais consistente a respeito do comportamento operante, assim definido por B.F. Skinner entre as décadas de cinquenta e sessenta. Cabe ressaltar que para Skinner, comportamento operante é aquele que produz consequências no ambiente, ou seja, é aquele comportamento que suas respostas mudam, modificam o ambiente e é afetado por elas (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Diferentemente do comportamento respondente elucidado por Watson que se constituía exclusivamente em S-R (estímulo-resposta), partindo do pressuposto de que uma alteração no ambiente elicia uma resposta do organismo, o comportamento operante estudado por Skinner, pressupõe que, quando uma resposta é emitida por um organismo, este modifica o comportamento, há, portanto, uma alteração no ambiente. Para uma melhor compreensão observe o exemplo: quando uma pessoa deseja pegar um copo de café, este deve emitir a resposta de esticar o braço para alcançar o copo com café, ao fazer isso, ele movimentou o copo de um lugar para outro, caracterizando a mudança no ambiente. Para Skinner, o comportamento operante é aprendido através das consequências, sejam elas positivas ou negativas. Quanto ao comportamento operante, este pode ser reforçado positivamente, negativamente, punido e até extinto como ver-se-á a seguir (MOREIRA; MEDEIROS, 2007)

Os esquemas de reforços são partes importantes no comportamento operante. Cada reforço tem a função de aumentar a probabilidade de ocorrência de uma resposta. É importante ressaltar que, as consequências influenciam não só os bons comportamentos, ou seja, aqueles

socialmente aceitos, mas também, os comportamentos indesejados ou inadequados. Nesse sentido, o reforço é um tipo de consequência que aumenta as chances probabilísticas referente a uma conduta específica voltar a acontecer novamente (SKINNER, 2003)

Referente ao R+ (Reforço Positivo), neste há o acréscimo ou a adição de um estímulo aumentando a probabilidade da resposta voltar a ocorrer. Uma criança por exemplo, uma criança que faz birra por um brinquedo, está expressando uma resposta onde é reforçada de modo positivo quando seus pais lhe dão o brinquedo. Muito provavelmente, a criança vai emitir a resposta de fazer birra toda vez que ela quiser um brinquedo (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Quanto ao R- (Reforço Negativo), ocorre quando há a retirada de um estímulo aversivo do contexto, há um aumento na frequência da resposta. Quando uma criança é dispensada de fazer uma determinada tarefa que ela não gosta em troca de arrumar a cama pela manhã, se elucida que decorreu um reforço negativo pois, foi lhe retirado o estímulo aversivo de fazer algo que ela não gosta. Nesse caso, a resposta de arrumar o quarto retirou a consequência negativa ou estímulo aversivo de fazer coisas que não gosta. Assim, o estímulo que fora retirado do ambiente é delineado como sendo um reforçador negativo (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Quanto a P+ (punição positiva), ocorre quando diminui a probabilidade de uma conduta voltar a acontecer novamente, nesse contexto um estímulo aversivo é adicionado a situação e a consequência do comportamento é ruim. A exemplo: o celular toca na hora da prova, o professor vai lhe repreender (estímulo aversivo adicionado). Ou dirigir acima do limite de velocidade, receber multa, Estímulo aversivo adicionado (SKINNER, 2003).

P- (punição negativa), esse tipo de punição, diminui o comportamento que a precede, é retirado algo de bom ou desejável para amortizar a ocorrência de uma conduta específica. Exemplo: uma criança bate no colega e a mãe retira seu videogame deixando uma semana sem o brinquedo. Então a punição negativa retira algo que o sujeito tem, ele perde algo que possuía. Já à extinção ocorre quando uma resposta que antes era reforçada diante de um estímulo, deixa de ser reforçada. Nesse caso a suspensão de um reforço, diminui a frequência de um comportamento até que ele seja extinto por completo (SKINNER, 2003).

Nesse caso, corroborando da mesma ideia dos autores anteriores sobre o processo de extinção, Neto e Mayer (2011), argumentam que é possível, por exemplo, prever algumas respostas que são emitidas por um organismo, no entanto, tal previsão somente é possível de se fazer com mais eficácia no início da extinção, onde o organismo emite respostas contínuas bem como em exacerbada frequência, visto que depois as respostas decaem até que sejam extintas por completo.

3.2 A ATUAÇÃO DO ANALISTA COMPORTAMENTAL DIANTE DO PROCESSO DE LUTO

3.2.1 O processo de luto

O luto é caracterizado enquanto um processo natural que ocorre após uma perda significativa ao ser humano, sendo o mais comum dentre eles, a perda de um ente querido. Todavia, compreende-se que todas as situações em que são passíveis de perda, bem como rompimento de vínculo, seja amorosos, de animais ou até objetos que gostamos muito. Nessas circunstâncias, tudo em que há uma perda emocional, física, psicológica ou de outra ordem, pode possibilitar o desenvolvimento de um luto (RAMOS, 2016).

Vale destacar de acordo com Ramos (2016), que o processo de luto é subjetivo a cada sujeito, isto é, cada um lida com o luto a partir do que é vivenciado e também é importante ressaltar a questão da elaboração, em que cada sujeito tem o seu tempo de processar a perda, compreendendo que assim, o significado que cada pessoa produz é particular, conforme a experiência, levando em conta o contexto e a cultura que o sujeito esteja inserido.

Sendo assim, tem-se as fases do luto que tem como definição um emaranhado de reações acerca do que se foi perdido pelo sujeito. Dessa forma, podemos mencionar o período, ou melhor, a fase do choque em que esse momento tem duração de horas ou até mesmo dias, podendo depender muito da subjetividade vivenciada, essa circunstância pode vir associada a sentimentos de raiva ou de desespero, cabendo ressaltar ainda aqui a importância da companhia de outras pessoas diante do enfrentamento do luto. A segunda fase corresponde ao desejo direcionado aquilo que foi perdido podendo ter como duração semanas ou anos, entende-se que esse período a pessoa pode sentir raiva diante do que foi perdido, ela pode proporcionar desespero, dificuldades em dormir, ansiedade e apreensão. É importante destacar que o sujeito pode também apresentar comportamentos associados a uma fantasia diante da realidade, isto é, pensar que tudo que está passando não é verdade e que em qualquer momento pode encontrar o que foi perdido (KOVÁCS, 2013).

O terceiro momento se caracteriza enquanto uma desorganização ou desespero do sujeito a situação de luto, a raiva que é um dos sentimentos mais comuns nesse momento, pode se apresentar tanto em uma perda temporária quanto em uma definitiva. Com isso, quando o sujeito não consegue superar essa raiva, isso se torna indicativo de que a perda não foi aceita e que de alguma forma ainda há uma esperança de reencontro. Outro ponto relevante a ser mencionado, é que geralmente essa raiva é direcionada também para as pessoas próximas do enlutado, pois como o sujeito ainda não conseguiu se desvincular da ideia de reencontro, as

pessoas que podem estar próximas dele acabam recebendo essa raiva por estarem confirmando ainda mais a perda ao sujeito (KOVÁCS, 2013).

Por último, tem-se a fase de organização, em outras palavras, é o momento em que o sujeito passa a elaborar o luto, podendo produzir um novo significado a ideia que se tem do luto, possibilitando outras formas de lidar com o ocorrido. Nesse sentido, apesar dessa fase ser de aceitação e de novas mudanças, é compreensível a ocorrência da tristeza e da saudade, o período de luto se dar aos poucos e pode nunca ser totalmente concluído. Dessa forma, o tempo de luto é relativo e pode até mesmo durar por muitos anos, podendo ressaltar também em alguns casos que esse processo pode nunca acabar, visto que com o passar do tempo é possível que se tenha uma tristeza intensa, desânimo, desespero. No entanto, esses sentimentos ocorrem de forma diferenciada do luto mais recente, pois, quando se há muito tempo de luto, os sentimentos são vivenciados com menos frequência, visto que se pode dizer que o sentimento mais fixo do luto é a solidão (KOVÁCS, 2013).

3.2.2 A intervenção do analista comportamental referente a experiência de luto

É sabido que a clínica analítico-comportamental utiliza a análise funcional como base de uma intervenção clínica. A análise funcional do comportamento é uma técnica terapêutica que consiste basicamente numa investigação minuciosa, daquilo que constrói a relação entre os estímulos e o comportamento e quais as consequências do comportamento para o ambiente. É uma ferramenta fundamental para a prática da clínica analítica comportamental, uma vez que ela permite obter e organizar as informações coletadas a respeito da queixa do cliente, ao identificar quais as variáveis e contingências controladoras responsáveis pela causa e a manutenção de um comportamento disfuncional. Sua maior relevância está em possibilitar que seja elaborado um plano de tratamento muito mais eficaz, além de fortalecer o vínculo terapêutico, fazendo com que o cliente tenha uma maior adesão e aceitação ao tratamento, (MEYER, 2003; DE-FARIAS, 2010).

A essência da análise funcional, consiste em identificar o comportamento e suas consequências. Procura-se, então, mudar as consequências e posteriormente, verificar se o comportamento mudou. Tudo isso, deve ter como ponto de partida a análise de contingências onde é analisada a relação entre a ocasião, (contexto ambiental), as respostas e as consequências que reforçam a prevalência ou não de um determinado comportamento emitido pelo sujeito. (MEYER, 2003; MOREIRA; MEDEIROS, 2007; DE-FARIAS, 2010).

Em pormenores, a análise funcional demonstra grande importância para a identificação de variáveis pertinentes ao comportamento operante. Dessa forma, ela aborda uma investigação

ampla sobre os aspectos que abarcam a tríplice contingência, sendo eles, a ocasião, a resposta e a consequência (MEYER, 2003). Na tríplice contingência, a ocasião assume dois papéis básicos, sendo o primeiro, sinalizar a ausência (S Δ) ou a presença (Sd) de um estímulo reforçador (SR) e, o segundo, alterar momentaneamente o valor do reforço a fim de regular a emissão de uma resposta. Portanto, a ocasião está indiretamente ligada a emissão ou não-emissão de uma resposta (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

A consequência por sua vez assume o papel de aumentar ou diminuir a frequência de uma resposta, sendo subdividida em 3 tipos básicos. O estímulo que acresce a probabilidade de emitir uma resposta é denominado de reforço (SR); o estímulo que atenua a probabilidade de emitir a resposta é designado de punição (SP). Há ainda a quebra contingencial, ou seja, quando uma resposta passa a não receber mais a consequência desejada, caracterizando assim a extinção operante (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Diante desse contexto, e considerando a vivência de enlutamento, elucida Torres (2010), que muitos dos sujeitos podem agir a partir de estímulos discriminativos, estímulos de caráter reforçador e operações estabelecidas, no tocante a reforçadores sociais ou outros tipos de contextos reforçadores. Assim, a funcionalidade de tal estímulo do outro teria forte influência a partir da história de vida da pessoa, visto que com a perda do objeto amado, a ausência no seu ambiente provocaria a perda de reforçadores decorrentes da relação existente entre ambos.

Complementam Andery (1993) e Skinner (2003), que a determinação da experiência do enlutamento é resultado do repertório comportamental, no qual é embasado nos níveis de seleção, a saber, ontogenético, cultural e filogenético. Deste modo, ver-se que todos esses aspectos podem contribuir para a forma de adaptação do luto por parte do sujeito, necessitando, em casos de luto complicado, o acompanhamento de um profissional capacitado. Quanto a isso, assegura Torres (2010), que o luto complicado é consequência da ausência de reforçadores positivos, ou seja, havia uma relação direta de dependência para com o enlutado no que diz respeito a produção de reforçadores positivos em sua vida.

Afirma Hoshino (2006), a perda do objeto amado por parte do sujeito, finda por provocar modificações nas contingências de reforçamento, consequentemente, causando transformações comportamentais em sua rotina. Ao aparecimento dessas novas condutas tanto no sentido público como privado (pensamentos, sentimentos, etc) em decorrência da perda, é caracterizada na comunidade verbal como luto, sendo este entendido através de um emaranhado de respostas advindos devido a interação para com o meio. Em pormenores, a relação da pessoa com outro pode ser designada enquanto estímulos antecedentes, ao passo que as reações de adaptação ao

luto como condutas, bem como o sofrimento e as tentativas de reestruturação enquanto consequência.

Por meio dessas discussões, elenca-se o papel do analista comportamental no que se refere ao âmbito clínico, é imprescindível salientar que as estratégias de entrevista representam condutas que o profissional terapeuta deve demonstrar, no intento de adquirir os devidos resultados almejados adjunto a figura do consulente. Deste modo, o que se quer dizer é que os comportamentos efetuados quer sejam a nível verbal ou não-verbal, têm um impacto expressivo no que diz respeito as atitudes e condutas do consulente, assim como pertinente aos dados demonstrados pelo mesmo. Em pormenores, tais habilidades (referidas, por conseguinte), tem um papel primordial, em decorrência da minimização da probabilidade de falhas durante o processo de entrevista, ao passo que potencializam o vínculo constituído dentre o terapeuta e o consulente (SILVARES; GONGORA, 1998).

Assim, para modo de elucidação, elencam-se no quadro 1 abaixo, 4 habilidades terapêuticas que podem facilitar a maximização dos objetivos que se pretendem alcançar no momento da entrevista para com o cliente em situação de enlutamento:

Quadro 1. Referente as habilidades terapêuticas

Habilidades empáticas	Caracteriza-se por atitudes ou emaranhado de sentimentos e emoções de caráter positivo que o terapeuta deve demonstrar frente ao consulente, a exemplo de estima, abertura, sinceridade, autenticidade, etc. Neste viés, utilizar-se da empatia contexto do terapeuta comportamental, é inclinado em uma perspectiva reforçadora.
Habilidades não verbais	Referem-se a habilidades vinculadas a tonalidade da voz, posicionamento do corpo, gestos, além de expressões faciais. Estas habilidades tem o intuito de criar condições para o consulente falar mais, cultivar a atenção do mesmo, assim como servir de complemento para a comunicação verbal.
Habilidades de perguntar	Consistem na forma e no conteúdo das perguntas, isto é, o terapeuta comportamental deve estar atento: (1) a formulação e uso das perguntas realizadas, precisando serem diretas e claras; (2) ao tempo de considerar realizar perguntas abertas (estimulam a falar mais, usa mais para adentrar assuntos novos) ou fechadas

	(faz o cliente produzir respostas curtas, utilizadas mais em momentos de esclarecimento ou complemento); (3) na realização de solicitações na intenção de obter esclarecimentos e complementação, onde é demarcado pelo momento em que o terapeuta faz perguntas para obter mais dados sobre o que fora relatado.
Habilidade de parafrasear	Caracteriza-se como a repetição de frases ditas pela consulente por parte do terapeuta comportamental, objetivando fazer com que o consulente reflita mais sobre o assunto.

Fonte: própria autora embasando-se nos estudos de Silveires e Gongora (1998).

Considerando isso, a definição dos objetivos terapêuticos no contexto clínico na análise do comportamento, se faz relevante à medida que permitem ao terapeuta: (1) ter uma apreensão e operacionalização mais abrangente dos comportamentos-alvo que precisam ser trabalhados durante a sessão; (2) proporcionar uma linha de embasamento no que diz respeito às suas condutas; (3) manejar determinadas variáveis, a fim de efetuar intervenção de caráter sistemático e, por último; (4) verificar, de modo isolado, as consequências das intervenções realizadas (SILVARES; GONGORA, 1998).

Em complemento, de acordo com os estudos de Worden (2013), este explicita quatro tarefas que podem ajudar a pessoa em luto a se adaptar, bem como minimizar os impactos que tal experiência provoca. Para tanto, a primeira tarefa é definida como o momento de aceitar a realidade da perda, o sujeito, então, necessita enfrentar a realidade de que perdeu algo ou alguém, essa situação inicial está vinculada a ideia de que não é possível se ter o que foi perdido e que jamais o verá novamente. O que é interessante a ser ressaltado nessa primeira etapa é a negação, que é bastante comum que ocorra, se configurando como o oposto da aceitação da realidade da perda. Dessa forma, o sujeito tende a negar o luto e, em especial, respectivamente, o objeto de seu afeto.

A segunda tarefa consiste em processar a dor do luto. É evidente que quando o sujeito perde algo ou alguém que contenha um forte vínculo, é muito provável que sofra em algum grau, visto que é imprescindível enfatizar também que cada dor e cada sujeito possui uma intensidade distinta ao sofrer, onde cada dor ou cada luto é essencialmente subjetivo, possibilitando assim que existem várias formas de sofrer e tais formas são válidas ao que diz respeito ao sofrimento humano. Todavia, sendo identificado o sofrimento, é necessário que se trabalhe em relação a esse sofrer, para que ele não venha tomar proporções maiores e

desconfortáveis ou que venham a agredir a saúde mental do sujeito. De tal modo, pode ocorrer também a ausência dessa segunda etapa, o sujeito pode vir a evitar o sentir e também a pensamentos dolorosos como uma forma de mecanismo de defesa para não se adentrar ao sofrimento (WORDEN, 2013).

A terceira tarefa está relacionada em ajustar-se a um mundo sem o objeto de afeto perdido, no qual são compostas por três campos de ajustamento, sendo o primeiro: ajustes externos que consiste em adaptar-se a um novo contexto no qual não há mais a presença do estímulo que o motivou ao luto, compreendendo que o tempo de luto é distinto de pessoa para pessoa; o segundo ajuste é o interno, que corresponde aos fatores que afetam as particularidades do sujeito, isto é, os estímulos que influenciam ao luto acabam afetando na forma como o sujeito se percebe consigo mesmo e com o mundo, podendo dizer que a depender do que o sujeito tenha ficado de luto, a perda acaba causando impactos diretamente na subjetividade do mesmo, sendo as vezes difícil se desvincular disso ou se desconstruir dessa ideia; a terceira etapa está relacionada a ajustes espirituais que se caracteriza enquanto a forma em que o sujeito percebe o mundo, pois quando se está de luto devido a morte de algum ente querido, é provável que passe a refletir a respeito de crenças, perspectiva de vida relacionada a religião, entre outros (WORDEN, 2013).

E por último, a quarta tarefa é definida como encontrar conexão duradoura com a pessoa falecida em meio ao início de uma nova vida, essa tarefa está relacionada a aspectos que condizem a elaboração diante de algo ruim que ocorreu e seguir a vida adiante da melhor forma possível, levando uma vida saudável dentro do campo psicossocial, pois sabemos que o luto independente do que seja, acaba afetando diretamente no campo psicológico, então a melhor maneira de lidar com o luto é passando por cada tarefa mencionada anteriormente e utilizando da resiliência para melhores formas de manusear a vida após uma extrema dor (WORDEN, 2013).

Segundo Gongora (2003), embora a análise do comportamento não enfatize os termos de saúde e doença, estes podem ser compreendidos pela capacidade de um organismo se adaptar as variáveis ambientais e aos estímulos aversivos e variar suas respostas através de seu repertório comportamental amplo, sendo um problema a dificuldade de alcançar esses fatores. Acredita-se também que os comportamentos considerados “normais” pela cultura são aqueles que obtêm uma maior frequência em diferentes sujeitos e os patológicos são aqueles que obtêm uma menor frequência

Logo, tomando como base o processo de luto, é relevante priorizar o reforçamento positivo como estímulo central para uma alteração de comportamentos-problemas, visto que

Skinner (2003), rejeita o controle aversivo (reforço negativo, punição positiva e punição negativa) como forma de intervenção comportamental, pois o mesmo elicia respostas emocionais aversivas e desconfortantes, não trazendo nenhum prazer ao sujeito por se comportar além de suprimir respostas que traziam sensações agradáveis. Assim, pode-se entender que a análise do comportamento prioriza o bem-estar do sujeito, procurando maneiras para que o mesmo possa aumentar seu repertório comportamental, adaptar-se ao ambiente e facilitar sua variação de comportamento, buscando a ciência das variáveis que o alteram.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o estudo permitiu compreender que o processo de luto está relacionado a uma experiência de caráter universal, no qual é efeito de uma perda do objeto amado, visto que tal perda finda por produzir nas pessoas uma série de sentimentos e condutas como tentativa de reestruturar o vínculo para com esse objeto de apego que fora perdido. Esse tipo de comportamento não está presente apenas em seres humanos, mas também em animais.

Nesses casos, quando há perda, nota-se um emaranhado de influências biológicas em decorrência da separação, o que acaba provocando respostas instintivas cuja direção é a tentativa de reparação das relações rompidas. É importante enfatizar que o modo como cada sujeito reage a experiência de luto quer seja por meio de ritos ou rituais religiosos, é dependente de aspectos culturais, apesar de representar uma prática comum em todos os povos do mundo.

Dessa forma, a pessoa que vivencia o luto o experimenta de modo distinto dos demais, isto é, cada sujeito possui sua maneira singular de enlutamento, pois tal processo está relacionado a muitos fatores como a representação do objeto perdido para o mesmo, o tipo de vínculo existente entre ambos, características da personalidade, sociais e também estressores concorrentes (prejuízos, crises decorrentes da perda, modificações na realidade).

Neste intuito, compreender o luto a partir de uma perspectiva analítico comportamental, é averiguar minuciosamente quais as consequências reforçadoras que contribuem para que determinados comportamentos se mantenham. Avaliar o processo de enlutamento vivenciado pela pessoa por meio desta ótica é considerar três elementos basilares: as influências filogenéticas, ontogenéticas e culturais.

A contribuição da Análise do Comportamento nos permite questionar os manuais classificatórios, visto que estes, na maioria das vezes, isolam os indivíduos de seus contextos e findam os categorizando. Neste sentido, tal abordagem vem considerar os sujeitos a partir da interação destes para com os ambientes no quais estão inseridos. Assim, é notório perceber que comportamentos considerados patológicos em determinados contextos nem sempre

representam o mesmo significado em outros, por isso, à análise do comportamento à medida que vem pôr em xeque visões limitadas sobre a conduta do ser humano.

Logo, o presente estudo atendeu os requisitos propostos nos seus objetivos, tornando-se uma pesquisa relevante no tocante ao âmbito clínico da análise do comportamento no que diz respeito ao processo de luto e o seu manejo terapêutico. É digno de nota enfatizar ainda o caráter limitado que a pesquisa possui dado o contexto de delimitação do objeto de estudo, além dos objetivos definidos.

Por fim, elucidou-se igualmente que durante o desenvolvimento da pesquisa, percebeu-se uma carência expressiva quanto as produções científicas disponíveis no idioma português pertinente a temática do luto, porém isso não foi um obstáculo na constituição e finalização do trabalho.

REFERÊNCIAS

- ANDERY, Maria Amélia Pie Abib. O modelo de seleção por consequências e a subjetividade. **Sobre comportamento e cognição**. São Paulo, p. 199-208, 1993.
- BAUM, W. M. **Compreender o behaviorismo**. Artmed Editora, 2006.
- GONGORA, M. A. N. Noção de Psicopatologia na Análise do Comportamento. In: LUIZA, C. E. J. C.; SANT'ANNA, H. H. N (ORGS.). **Primeiros passos em análise do comportamento e cognição**, 2003. p. 93-109.
- DE-FARIAS, A. K. C. R. Por que Análise Comportamental Clínica? Uma introdução ao livro. In: DE-FARIAS, K. C. T. et al. **Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 19-29. [versão eletrônica]. Disponível em: <https://www.academia.edu/34671720/AN%C3%81LISE_AN%C3%81LISE_COMPORAMENTAL_COMPORAMENTAL_CL%C3%8DNICA_CL%C3%8DNICA_aspectos_te%C3%B3ricos_e_estudos_de_caso>. Acesso em: 11/06/2021.
- HOSHINO, K. A perspectiva biológica do luto. In: GUILHARDI, H. J.; AGUIRRE, N. C. **obre Comportamento e Cognição**. vol 17. Santo Andre: ESETec Editores Associados, 2006. p.313-326.
- KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.
- LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 5a.ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MATOS, Maria Amélia. **O behaviorismo metodológico e suas relações com o mentalismo e o behaviorismo radical**. 1997.
- MEYER, S. B. Análise funcional do comportamento. In: COSTA, C. E.; LUZIA, J. C.; SANT'ANNA, H. H. N. (Orgs). **Primeiros passos em análise do comportamento e cognição**. vol. 1. Santo André: Esetec: Editores Associados, 2003. p. 75-91.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Artmed, Porto Alegre, 2007.

NETO, C. M. B.; MAYER, P. C. M. Skinner e a assimetria entre reforçamento e punição. **Acta comportamental**, v. 19, n. 4, p. 21-32, 2011.

RAMOS, V, A, B. O processo de luto. **Psicologia.pt, o portal dos psicólogos**, p. 1-16, 2016. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>>. Acesso em: 11/06/2021.

SAMPAIO, R.F.; MANCINI, M.C. Estudos De Revisão Sistemática: Um Guia Para Síntese Criteriosa Da Evidência Científica. **Rev. bras. fisioter.**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfs/v11n1/12.pdf>>. Acesso em: 18/04/2021

SILVA, A. C. O. Conceituando o luto. In: Santos, F. S. **Tratado Brasileiro sobre Perdas e Luto**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2014. P.71-76.

SILVARES, E. F. M.; GONGORA, M. A. N. **Psicologia clínica comportamental**: a inserção da entrevista com adultos e crianças. 1ª. ed. São Paulo: EDICON, 1998. p.43-60

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. Tradução: João Carlos Todorov, Rodolfo Azzi. 11ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TORRES, N. Luto: a dor que se perde com o tempo (...ou na o se perde?). In: GARCIA, M. R. et al. **Sobre Comportamento e Cognição**: Terapia Comportamental e Cognitivas. vol. 27. Santo Andre, SP: ESETec Editores Associados, 2010. p. 385-393.

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto**: um manual para profissionais da saúde mental. Tradução Adriana Zilberman, Leticia Bertuzzi, Susie Smidt. 4ª. ed. São Paulo: Roca, 2013.